

Catálogo: Tendências da Pintura Brasileira Contemporânea
Data: 1967
Local: Museu Nacional de Belas Artes - Rio de Janeiro

Prefácio

Com a publicação do presente catálogo, procura o Museu Nacional de Belas Artes tornar conhecida do nosso público, a sua coleção de pintura contemporânea, e ao mesmo tempo, dar uma idéia aproximada das realizações artísticas que se desenvolvem no Brasil, à partir da Semana de Arte Moderna (1922), até nossos dias.

Desta coleção fazem parte obras marcantes e significativas de vários artistas essenciais ao desenvolvimento da nossa arte contemporânea, porém mesmo assim, faltam-nos inúmeros exemplos de importância capital, para ilustrar o seu ciclo evolutivo completo. Com a ampliação gradativa do acervo que já possuímos, feita por meio de aquisições anuais, incorporações resultantes dos Salões Oficiais de Arte Moderna e algumas doações particulares, vamos aos poucos sanando certas lacunas, para formar futuramente um conjunto bastante representativo, de todas essas tendências renovadoras que entre nós eclodiram e frutificaram e às quais filiam-se os valores de nossa época.

EVOLUÇÃO DA PINTURA MODERNA NO BRASIL E AS TENDÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS.

Jamais um período de arte demonstrou ser tão fecundo e rico de idéias renovadoras quanto o que abrange os dois primeiros decênios do nosso século. A sucessão de movimentos que se formam e se desenvolvem na Europa, de 1905 à 1918, como o "fauvismo", expresionismo, cubismo, futurismo, a pintura metafísica, abstracionismo, dadaísmo e surrealismo, não conseguem de pronto modificar o nosso panorama artístico, ainda tão fortemente ligado às tradições acadêmicas anteriores. cremos que somente à obra de Eliseo Visconti deixa ver, no campo de Impressionismo Divisionista, uma mutação em nosso cenário de certo modo limitado e restrito; embora o seu aparecimento se faça um pouco tardiamente, ele traz consigo o valor de ser a primeira inovação que irá despertar mais tarde o interesse de futuros artistas como Antonio Parreiras, Lucílio de Albuquerque, Carlos e Rodolfo Chambelland, Carlos Oswald e Hélio Seelinger, em fases de sua carreira.

É inegável ter sido S. Paulo o centro mais propício ao desenvolvimento de nosso modernismo. Em 1913, o pintor russo-judeu Lazar Segall, lá vai realizar duas primeiras exposições que apesar das referências elogiosas de alguns críticos, são recebidas com certa reserva do público ainda desacostumado

as inovações europeias. Sua obra de então, baseada num cubismo sintético, só terá maior repercussão a partir de 1924, quando se fixa definitivamente em São Paulo e passa a apresentar a feição expressionista, que tanto o valoriza.

Três anos mais tarde, ainda em São Paulo, chegando de um segundo aprendizado, desta vez feito nos Estados Unidos, Anita Malfatti, incentivada por alguns artistas e jornalistas amigos, decide expor sua recente produção artística. Aos 12 de dezembro de 1917, inaugura-se esta mostra que vai causar tanta crítica e celeuma nos meios literários e artísticos e ao mesmo tempo arregimentar as forças antiacadêmicas, que darão impulso a célebre semana de Arte Moderna, realizada no teatro Municipal de São Paulo em fevereiro de 1922.

Além de Anita, são participantes deste movimento, os artistas plásticos John Graz, Zita Aita, Ferignac, Vicente do Rego Monteiro, Martins Ribeiro e outros que juntamente com o compositor Villa Lobos na música, e os poetas Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Menotti del Picchia, nas letras, promovem reações as mais contraditórias no público ali presente.

A partir deste acontecimento, pode-se considerar rompido o elo que prendia as manifestações artísticas, aos convencionalismos acadêmicos. Porém aquele sentido de modernismo, aconselhado por Oswald de Andrade em seu artigo "Em prol de uma pintura nacional", publicado no "O Pirralho", parece não estar ainda suficientemente compreendido. Pinta-se é verdade, pelas formas e moldes renovadores, sem entretanto expressar-se em termos mais genuínos de brasilidade.

Conscientes da falta desta expressividade, alguns artistas, dentre os quais Tarsila do Amaral, promovem os movimentos denominados "Pau Brasil" (1924) e "Antropofágico" (1928) onde tentam aliar as inovações recebidas de Picasso, Lhote e Leger a um conteúdo mais nacionalista.

Dentre os pintores desta primeira geração moderna, já anteriormente mencionados, destacam-se ainda: Emiliano Di Cavalcanti (1897) que ao voltar da Europa impregnado de influências cubistas picassianas, consegue adaptá-las ao meio e desenvolve uma obra harmoniosa e coerente, tradutora dentro de seu estilo, de certas realidades brasileiras; Ismael Nery (1900 - 1934), igualmente cubista e Flávio Rezende de Carvalho (1899), arquiteto, escritor, pintor e desenhista expressionista que na presente IX Bienal de São Paulo, recebe o Prêmio em Desenho.

Na terceira década, após a revolução de 30, a supremacia da capital paulista, como líder do movimento moderno, passa à ser dividida com o Rio de Janeiro.

Instalam-se nestas duas capitais, novos clubes como o C.A.M., (Club dos Artistas Modernos) iniciado por Flávio de Carvalho em 1932, a S.P.A.M. (Sociedade Pró Arte Moderna) de São Paulo, e o Club de Cultura Moderna (1935), no Rio de Janeiro, responsável pelo I Salão de Arte Social.

Em 1931, no Salão Revolucionário efetuado no Rio, já vamos encontrar uma maioria bastante convincente de artistas de tendências avançadas e o Salão de Maio, realizado entre 1937 - 39 em São Paulo, traz a presença de elementos estrangeiros de alto nível. Ben Nicholson (Inglaterra), Magnelli (Itália) e Calder (Estados Unidos), enriquecem e vivificam a mostra com a ousadia de suas composições,

Surtem igualmente noutros Estados novos valores, dentre os quais estão: Cícero Dias (1908), pernambucano, fazendo na época obra de surrealista e Lula Cardoso Ayres (1910), desta mesma região, com uma interessante temática, motivada no nosso " folh-lore ".

Outro fator de imensa importância na propagação da nova estética é o aparecimento no país de uma arquitetura que, apoiada por algumas autoridades governamentais, exige uma decoração adequada e integrante ao novo estilo.

A construção do Palácio da Cultura, projetado inicialmente por Le Corbusier e dirigida por Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Afonso Reidy e outros brilhantes arquitetos, com decoração de esculturas, azulejos e murais, parece indicar que artistas como Bruno Giorgi e Candido Portinari, sejam escolhidos para executá-las.

Como figura dominante deste período, distingue-se inegavelmente a de Portinari (1903 - 1962), não só pela qualidade de sua obra, como pela marcada influência exercida na orientação artística da pintura brasileira, entre 1936 a 1939, quando leciona na Universidade do Distrito Federal. Observando-se a sua produção, vemos o quanto Portinari foi eclético, em todos os sentidos: passa de um academismo inicial para a escola cubista, sofre influências de Modigliani, inspira-se nos muralistas mexicanos, apega-se aos primitivos italianos, detem-se em fase expressionista, transforma-se em vigoroso realista, enfim, produz obra versátil e numerosa que o situa em primeiro plano no cenário de sua época.

Seguindo caminhos paralelos, no sentido de qualidade mas isentos de preocupações sociais e dramaticidade é que encontramos José Pancetti (1904 - 1958) e Djanira (1914), tocados de maior simplificação, lirismo e ingenuidade.

Ao atingirmos a década dos quarenta, dá-se em vários pontos do país um surto de museus especializados. Em 1947, cria-se em São Paulo por iniciativa de Assis Chateaubriand, o Museu de Arte, um dos melhores no gênero, que forma uma coleção de clássicos e modernos; no Rio, o Museu de Arte Moderna vai organizar exposições coletivas e individuais, cursos, palestras e publicações sobre arte contemporânea.

Desdobra-se em 1940 o Salão Nacional de Belas Artes em 2 divisões: Geral e Moderna; a última transforma-se, anos mais tarde, no Salão Nacional de Arte Moderna, com igual número de prêmios de Viagem para o exterior.

Não podemos deixar de mencionar ainda a presença atuante neste período de alguns artistas estrangeiros, que aqui estiveram ou mesmo se radicaram, influenciando com seus ensinamentos na formação de vários de seus discípulos. Basta-nos

citar como exemplos os pintores Leo Putz, de origem germânica, Bruno Lechowsky, polonês, Emeric Marcier, romeno, para não falar em outros nas demais artes.

Começávamos a segunda metade deste século, quando um acontecimento de suma importância vem colocar São Paulo novamente em foco no cenário das realizações de vanguarda. É que em 1951, pela iniciativa de Francisco Matarazzo Sobrinho, inaugura-se a I Bienal Paulista. Pela extensão e qualidade de países representados, vai ser a maior exposição de arte moderna, até então realizada em nosso país. Esta, e outras que se sucedem com igual êxito, serão fontes inesgotáveis de inspiração para as novas gerações, logo divididas em dois grupos de tendências opostas: o figurativo e o abstrato. Este último grupo vai ainda subdividir-se em geométrico e informal.

Dentro do abstracionismo geométrico, cabe o movimento concretista de São Paulo e Rio, cujas raízes provém do "construtivismo" europeu e ao qual filiam-se IVAN SERPA, Aloysio Carvão, Lygia Clark, Maria Leontina, Milton da Costa, Raimundo Nogueira.

No abstracionismo informal, estão aqueles que tem maior liberdade na concepção e forma de suas composições, onde abandonam a imitação da natureza, e a realidade aparente das coisas. São tachistas ou grafistas, como Antônio Bandeira, Manabu Mabe, Ernani Vasconcellos, Tanaka, Firmino Saldanha, Carlos Magano, Benjamim Silva, Iberê Camargo na sua última fase, Yolanda Mohalyi, Domenico Lazzarini, etc.

Entre os figurativos, classificam-se Érico Bianco, Ruy Campello, Hilda e Quirino Campofiorito, Eduardo Alvim Correa, Clóvis Graciano, Noêmia, Jacinto de Moraes, José Paulo Moreira da Fonseca, Carlos Scliar, Emeric Marcier, Tomas Santa Rosa, Frank Schaeffer.

Formando um grupo à parte, temos os pintores denominados ingênuos, de grande aceitação na nossa época, mas sem influências de qualquer escola. Distingue-se pelo modo elementar e quase infantil de apresentar os fatos e as coisas, procurando reproduzi-las minuciosamente em cores fortes e vibrantes, mas com ausência de conhecimentos técnicos. Como verdadeiros ingênuos estão Heitor dos Prazeres, Djanira, Cardoso Junior, Pedro Paulo Leal, Georgete Pinet e Graubem, todos autênticos a sua maneira.

Finalizando este ligeiro esboço do panorama da arte moderna no Brasil, diremos ainda que a geração mais jovem percorre múltiplos caminhos experimentais. As tendências mais avançadas, expressadas pela "Nova Figuração", "Optical Art" e "Pop Art", começam a fazer-se valer pela obra de artistas como Wesley Duke Lee, Antonio Dias, Vergara e Rubens Gerchman. Configuradas a sua maneira, com o emprego de objetos e materiais novos, impõem já uma nova estética que certamente mostrará a validade de sua época.

REGINA LIBERALLI LAEMMERT
Conservador de Museus.

Catálogo

...

SERPA, IVAN - (Rio de Janeiro, 1923)

133. Pintura - óleo-tela

Dim.: 1,030 x 1,020

Prêmio de Viagem ao Estrangeiro no Salão Nacional de Arte Moderna, 1957

No: Inventário : 4617

...

instituto de arte contemporânea